CARACTERIZAÇÃO PARCIAL DE POTENCIAIS HOSPEDEIROS DE UM ISOLADO BRASILEIRO DO *Cauliflower mosaic virus. JESUS, W.B.^{1,*}; OLIVEIRA, A.M.^{2,**}; RODRIGUES, L.K.^{2,***}; CHAVES, A.L.R.²; EIRAS, M.^{2,****}** ¹Universidade Nove de Julho, Rua Vergueiro, 235/249, Liberdade, São Paulo, SP, Brasil. ²Instituto Biológico, Centro de Pesquisa de Sanidade Vegetal, Laboratório de Fitovirologia e Fisiopatologia, Av. Cons. Rodrigues Alves, 1252, CEP 04014-900, São Paulo, SP. E-mail: wallisonbj97@gmail.com. ***Partial characterization of the host range of a Brazilian Cauliflower mosaic virus isolate.***

9

Introduzidas no período colonial, as olerícolas da família Brassicaceae (couve-flor, couve, brócolis, mostarda, repolho, nabo, rabanete) são amplamente cultivadas no Brasil. Porém, sua produção é limitada devido à ocorrência de doenças de diferentes etiologias, com destaque para o *Turnip mosaic virus* (TuMV, *Potyvirus*) e o *Cauliflower mosaic virus* (CaMV, *Caulimovirus*), responsáveis por causar prejuízos em brássicas cultivadas em todo o mundo. O CaMV possui partículas isométricas com 50nm de diâmetro e genoma constituído por DNA circular de fita dupla. É transmitido por afídeos de modo semipersistente e sua gama de hospedeiros parece estar restrita a espécies de Brassicaceae. No Brasil, apesar do CaMV ter sido relatado em couve em 1965, ainda não há estudos sobre a importância de espécies da vegetação espontânea como reservatório desse vírus. Portanto, o presente trabalho objetivou: (i) caracterizar um isolado brasileiro de CaMV proveniente de *Brassica oleracea* var. *botrytis* (couve-flor) com sintomas de clareamento de nervuras, por meio da extração de DNA e PCR, utilizando *primers* específicos para o gene da proteína de movimento e (ii) avaliar a suscetibilidade de espécies da vegetação espontânea ao isolado estudado. As plantas utilizadas nos ensaios de transmissão foram obtidas por meio de sementeiras realizadas em bandejas contendo substrato peneirado e esterilizado. Após a germinação, as plântulas foram transplantadas para vasos contendo substrato e mantidas em casa de vegetação para posterior inoculação. O inóculo foi obtido a partir da maceração de folhas de couve-flor experimentalmente infectadas com o isolado de CaMV. Utilizou-se um almofariz de porcelana contendo tampão fosfato 0,01M + sulfato de sódio 0,5% e a inoculação foi realizada friccionando-se o extrato sobre a superfície adaxial das folhas, com o auxílio de pistilo de porcelana. Após as inoculações, as plantas foram mantidas em casa de vegetação para o acompanhamento do surgimento de sintomas. Após 30 dias, as folhas apicais das plantas inoculadas, independentemente da expressão ou ausência de sintomas, também foram submetidas à extração de DNA e PCR para confirmação de sua suscetibilidade. A identidade do vírus como um isolado de CaMV foi confirmada por meio do sequenciamento do produto de PCR. Plantas de *Nicandra physalodes* (Solanaceae), *Commelina benghalensis* (Commelinaceae), *Portulaca oleracea* (Portulacaceae), bem como *Bidens pilosa*, *Xanthium strumarium* e *Melampodium perfoliatum* (Asteraceae) não expressaram sintomas e foram consideradas imunes ao CaMV, fato confirmado pelos resultados negativos na PCR. *Raphanus raphanistrum* (nabiça, Brassicaceae), embora não tenha expressado sintomas, comportou-se como suscetível ao CaMV, com resultado positivo na PCR. Esses resultados evidenciaram que, no Brasil, o CaMV tem uma gama restrita de hospedeiros e que seu potencial de inóculo no campo pode ser subestimado devido à não expressão de sintomas em espécies de brássicas invasoras.

*Trabalho com financiamento da FAPESP (proc. 2014/22594-2)

*Bolsista PIBIC

**Bolsista de Mestrado (CNPq)

***Bolsista de Doutorado (CAPES)

****Bolsista PQ-2, CNPq